

DÁRIO MACEDO
Da Editoria de Política

Com apenas três ministros de Estado presentes (Leitão de Abreu, da Gabinete Civil, Jarbas Passarinho, da Previdência, e Esther Ferraz, da Educação), do governador José Ornelas, do arcebispo Dom José Newton, de um almirante representando o ministro da Marinha, de um tenente-coronel do Exército e de dezenas de assessores sentados nas poltronas reservadas aos ministros que não foram, o Congresso Nacional teve, ontem, reabertos os seus trabalhos, pelo senador Moacir Dalla.

O senador Luis Viana Filho sentou-se ao lado da ministra Esther de Figueiredo Ferraz. Ao aproximar-se da poltrona, leu a inscrição: "Ministro da Agricultura". Sorriu e comentou:

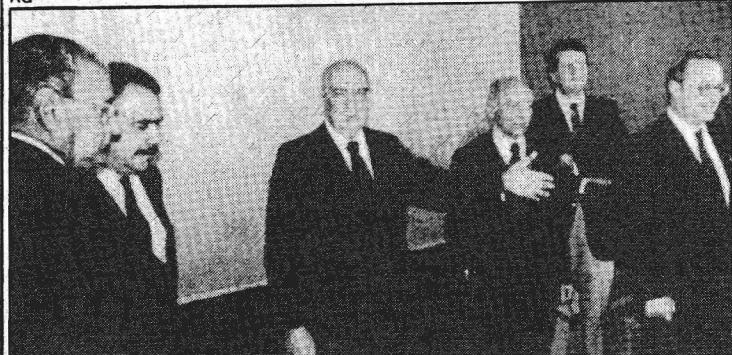
— como este caiu, assumo o seu lugar.

A mensagem do Presidente da República foi lida pelo primeiro secretário do Senado, o peemedebista Henrique Santillo, que não demonstrou nenhum entusiasmo com a missão que, pelo regimento, lhe fora reservada. Mas isto não teve importância, mesmo porque ninguém prestou atenção ao que ele dizia. No plenário, a queda de Stabile e a sucessão presidencial dominavam todas as rodas. O deputado Paulo Maluf, por exemplo, desdobrou-se: conversou com Dinarte Mariz, Prisco Viana, Amaral Netto e, como estava duas cadeiras distante do ministro Jarbas Passarinho, solicitou (e foi atendido) ao deputado José Lourenço, que lhe cedesse o lugar ao lado de Passarinho. Cochichou com o ministro da Previdência e a conversa era alternada por sorrisos e caras amarradas. Ao final, indagado sobre o que haviam conversado, Passarinho respondeu:

— Vocês acham que numa conversa, durante uma sessão, onde todo mundo fala, dá para lembrar alguma coisa? E saiu de mansinho, recebendo e distribuindo abraços.

Se ninguém bateu palmas para a mensagem do presidente Figueiredo, o senador Moacir Dalla ganhou palmas dos senadores e deputados da Oposição, das galerias e um olímpico desprezo dos seus companheiros do PDS. O tom de seu discurso, lembrando as responsabilidades do Congresso, reconhecendo a crise política, econômica e social, criticando a ausência de

AG



Chaves, Sarney, Leitão, Marcílio e Maluf na Câmara

poderes do Congresso e dizendo em determinado trecho, que estava "sentindo as manifestações populares" (no que foi interpretado como uma afirmação de que o Congresso está sensibilizado para aprovar as eleições diretas), provocou frenéticos aplausos. O senador Dalla não acionou, nenhuma vez, sequer, as campainhas, apesar de o Regimento não permitir manifestações ruidosas das galerias.

Terminada a sessão, os presidentes do Senado, Moacyr Dalla e da Câmara, Flávio Marcílio, se dirigiram, em companhia do presidente do Supremo Tribunal Federal Cordeiro Guerra, ao Salão Negro, onde houve um coquetel. O deputado Paulo Maluf não apareceu: ao terminar a sessão ele seguiu para o Aeroporto de Brasília e, em companhia do deputado Nelson Morro, PDS(SC), tomou um avião para Florianópolis, onde vai manter contatos políticos e descansar, na praia de Camburi, durante o carnaval.

LEITÃO DIVAGA

O professor Leitão de Abreu chegou ao gabinete do presidente da Câmara, Flávio Marcílio, às 14h35. Cumprimentou calorosamente o presidente da Câmara, disse um "muito prazer", com direito a tapinha no ombro, quando se avistou com o deputado Paulo Maluf e cumprimentou formalmente os demais presentes: os deputados Marcelo Linhares, Homero Santos e Carlos Eloy. Mais tarde chegaram o senador Luis Viana Filho e os deputados Ubaldo Barém e Nelson Morro.

Maluf sentou-se a uma poltrona perto de Marcílio e de Marcelo Linhares. Na poltrona principal, Leitão e Marcílio. Vem o indefectível cafezinho, água bem geladinho. Leitão aceita. Maluf rejeita. Minutos antes ele se havia queixado:

— Estou engordando...

O doutor Leitão de Abreu começa a falar sobre temas jurídicos, suas grande especialidade, depois, naturalmente, dos seus conhecimentos sobre disputas futebolísticas entre o Grêmio e o Internacional. Fascina os ouvintes, pois é brilhante. E quando lhe perguntam como chegou ao Supremo Tribunal Federal, ele recorda que o então ministro Luís Galotti havia dito que para que ele, Leitão, pudesse chegar ao STF pediria aposentadoria. Relata Leitão que o presidente Médici não concordou com a saída, dizendo-lhe:

— Você vai ficar comigo até o

último dia.

Leitão de Abreu só seria nomeado ministro do STF no governo Geisel, na vaga do ministro Barros Monteiro.

Quando ele ia prosseguindo em sua narrativa, chega o deputado Nelson Marchezan, líder do PDS na Câmara (Leitão cochicha ao ouvido de Marcílio e soubre-se depois que comunicava a Marcílio — o que o Presidente da Câmara já sabia — que Amaury Stabile pedira demissão do Ministério da Agricultura e em seu lugar fora nomeado o ex-presidente do Banco do Brasil, hoje no Projeto Carajás, Nestor Jost. E a vez de Marchezan fazer um comentário:

— O Nestor é um homem muito competente, mas ele devia ir para a presidência do Banco Central...

Faz-se silêncio. Muitos elogios a Jost. Alguém lembra que ele começou sua vida no Ministério Público. Mas um deputado contesta:

— Não, o primeiro emprego dele foi de delegado de polícia.

O deputado Marcelo Linhares provoca uma gargalhada ao comentar:

— Será que o Ministério da Agricultura é um caso de polícia?

Volta Marchezan ao ataque:

— Vocês sabiam que o Banco do Brasil tem, hoje, muito menos recursos para a agricultura do que antes? Antes, contava com 28%. Hoje, com 10%.

O doutor Leitão apenas escuta.

O clima estava assim quando a porta principal de gabinete de Marcílio se abre:

— É permitida, aqui, a entrada de um estranho?

Era o deputado João Agripino, do PMDB da Paraíba, o único oposicionista a comparecer ao gabinete do presidente da Câmara para cumprimentar o ministro-chefe da Gabinete Civil. Todos se levantam. Antes que Agripino pudesse dizer mais alguma coisa, Maluf o interrompe:

— Estranho, não senhor. É muita alegria o senhor estar aqui. Além do mais o seu aniversário natalício é hoje.

Agripino cumprimenta todos os presentes e se dirige a Maluf: O ex-governador de São Paulo, voz alta, fala:

— Meus parabéns (ontem, Agripino completou 70 anos de idade), meus sinceros parabéns, muitas felicidades. Eu liguei hoje para a sua casa, mas você não estava. Falei com sua empregada. E disse para ela: diga-lhe que o deputado Paulo Maluf telefonou para parabenizar João Agripino, o grande governador, o grande ministro, o grande homem público. E fiz questão que ela anotasse meu nome. E até perguntei: você conhece o deputado Paulo Maluf? Ela não apenas disse que conhecia, como me respondeu: — Eu sou sua eleitora.

João Agripino comenta e sorri:

— Ih, será que até na minha casa o meu esquema está furado?

(Os presentes também sorriam. Maluf ganhava mais uma festa).